

AO ENCONTRO DE CAMÕES

Arnaldo Niskier (ABL)

Na missa de 7.º dia, no Colégio Notre Dame, o padre Jorjão, diante de mais de duzentos familiares, amigos e discípulos de Leodegário Amarante de Azevedo Filho, recordou que o mestre falecido vivia cantarolando o “Queremos Deus, que é nosso Pai”, como se estivesse se preparando para a glória da vida eterna.

O nosso estimado Leo, com quem tive o privilégio de um convívio de mais de 50 anos, não conheceu o *otium cum dignitate*, expressão latina cunhada por Cícero, que significa lazer com dignidade, ou seja, todo homem, depois de uma dura vida de trabalho, tem direito, no fim de sua existência, a um honrado repouso (aposentadoria), o que ele não conheceu por jamais ter interrompido as suas atividades de professor e escritor laureado. Nisso teve sempre a colaboração muito próxima da sua amada Ilka, ex-aluna da UERJ, com quem se casou para tornar prático o pensamento expresso por Camões, em que o vate português afirmou em inspirado soneto que “amor é fogo que arde sem se ver”. Segundo a filha Cláudia, o amor entre eles podia ser visto constantemente, tal a afinidade das duas existências. Foi um casal exemplar.

Leodegário presidiu várias instituições, por último a Academia Brasileira de Filologia, que lhe prestou sentida homenagem. Destacou-se, na vida literária brasileira, pela devoção permanente aos estudos da lírica de Camões, o que o levou seguidas vezes a Portugal, onde era muito conhecido e querido. Dominava como poucos o feito do autor de *Os Lusíadas*, talvez a maior obra poética da Língua Portuguesa, que procurou detalhar versos por verso, para facilitar a sua devida compreensão. Reuniu dezenas de fontes quinhenistas, que pesquisou com extremo cuidado e competência.

Professor de Língua e Literatura Portuguesa, dedicou-se também a autores brasileiros como Cecília Meireles, por quem nutria especial simpatia. Quando uma vez lhe perguntei a razão, sua resposta foi simples: “Ela era também professora”. Não poderia existir uma sintonia mais forte, ele que era um homem de hábitos moderados e cuja simplicidade, no dizer de sua amada Ilka, “deixa um grande vazío em nossa casa”.

No meu caso, devo-lhe o primeiro convite para lecionar numa instituição de ensino superior. Ainda aluno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Distrito Federal, num fim de tarde, no 3.º andar do saudoso Instituto Lafayette (hoje, felizmente preservado), recebi de chofre o convite-intimação do Leodegário para lecionar na Faculdade de Filosofia de Campo Grande. Lembro suas palavras: “Será para você um belo começo de carreira”.

Não pude aceitar, por questões de horário, mas ficou a grata lembrança do gesto de carinho e confiança. Leodegário, sempre prestativo, promotor de inúmeros congressos e seminários, no Brasil e no exterior, amou a nossa língua como poucos e deixa, por isso mesmo, uma lembrança luminosa do que realizou, para valorizar a cultura brasileira. A nossa saudade.

(In *Jornal de Letras*, ABL, n.º 151, março de 2011, pág. 3).